



# HUNGER

Jackie Morse Kessler

FOME

JACQUELINE MORSE KESSLER

Tradução

Fábio Fernandes

Editora Underworld

Belo Horizonte

## Capítulo 1

Lisabeth Lewis não queria se tornar a Fome. Ela tinha um caso de amor com a comida, e nunca teve paixão por cavalos (descontem o período em que ela pediu um pônei aos oito anos de idade; coisa de menininha). Se tivessem lhe perguntado qual Cavaleiro do Apocalipse ela provavelmente seria, ela teria provavelmente respondido: “Guerra”. E se você tivesse algum dia ouvido ela e seu namorado James brigando, teria concordado. O negócio de Lisa não era Fome, apesar do distúrbio alimentar.

E no entanto lá estava ela, Lisabeth Lewis, dezessete anos de idade e não mais pensando em se matar, segurando as Balanças do Ofício. A Fome, aparentemente, tinha balanças — um dispositivo antigo de pesagem feito de aço e bronze ou algum outro metal. O que ela deveria fazer com as Balanças, não tinha a menor ideia. É que toda aquela coisa de “Tu és o Cavaleiro Negro, parte mundo afora” ainda não havia entrado em sua cabeça.

Sozinha em seu quarto, Lisa ficou sentada na cama com dossel e colcha de babados brancos e cor-de-rosa, e ficou olhando fixamente para a balança de metal, imaginando o quê, exatamente, ela havia prometido ao homem alto e pálido com uniforme de mensageiro. Ou teria sido um manto? Franzindo a testa, ela tentou visualizar o entregador que havia acabado de ir embora – mas quanto mais tentava, mas escorregadia a imagem se tornava, até Lisa ficar com a impressão de uma pessoa pintada em aquarelas descuidadas.

Talvez o Lexapro estivesse mexendo com a cabeça dela.

Tá legal, ela pensou, colocando as Balanças em cima da mesinha de cabeceira, ao lado de um copo com água meio vazio (que estava em cima de um porta-copos) e uma pilha de pílulas brancas (que não estavam em cima de nada). Eu tô muito doida.

E você está gorda, lamentou a voz negativa, a voz Magra, a melhor amiga de Lisa e sua pior crítica, aquela que sussurrava para ela em seu sono e a assombrava quando ela estava acordada.

Doida e gorda, completou Lisa. Mas pelo menos eu não estou deprimida.

Nem morta; o entregador havia tocado a campainha antes que Lisa pudesse engolir mais do que três dos antidepressivos de sua mãe. Enrolada no roupão de banho branco que cobria seu pijama de flanela folgado, Lisa atendeu à porta e aceitou o pacote.

- Para ti – o homem alto e pálido havia dito. – Tu és a Fome.”

E assim que Lisa abriu o pacote de formato estranho, todos os pensamentos de suicídio haviam se dissipado. E era mais ou menos assim que ela estava se sentindo agora, como se estivesse se dissipando, graças às pílulas – dissipando-se lentamente como uma nuvem no céu de verão, uma nuvem em forma de um par de balanças antigas...

As pílulas.

Desviando o olhar das Balanças, Lisa jogou as pílulas para dentro da gaveta da mesinha de cabeceira. Varreu os rastros de pó, limpou as mãos e fechou gentilmente a gaveta. Não que ela tivesse que se preocupar se sua mãe iria reparar se seu estoque de felicidade havia diminuído; Mrs. Simon Lewis estava fora em algum evento qualquer de caridade, aceitando um prêmio ou outro. Lisa só não queria deixar tudo sujo ali. Mesmo que ela tivesse tido uma overdose, como era seu plano original, ela teria

morrido direitinho em sua própria cama. Lisa fazia o melhor possível para agir com consideração.

Olhou para as Balanças, franzindo a testa. Banhadas pelo luar ali em sua mesinha de cabeceira, elas reluziam, sedutoras. Lisa não conseguia se decidir se elas pareciam sombrias ou apenas bregas, olhando para os pratos.

Queijo prato, trinta gramas, a voz Magra anunciou. Cento e quatorze vírgula três calorias. Nove vírgula quatro gramas de gordura. Quarenta minutos na bicicleta ergométrica.

E por trás disso, as palavras do homem alto queimavam na mente de Lisa: Tu és a Fome.

Ã-hã. Tá.

Esse negócio de a Fome ter um conjunto de balanças antigas, pensou Lisa, era imbecil. As únicas balanças que importavam eram do tipo digital, as que também exibiam seu índice de massa corporal.

Lisa bocejou. Sua cabeça estava confusa, e tudo parecia agradavelmente borrado, com as bordas indefinidas. Tudo estava em paz. Ela pensou em fechar o postigo da janela, mas decidiu que gostava da luz da lua brilhando nas Balanças. Era como uma luminária celestial.

Você está maluca, ela brigou consigo mesma. Alucinando. Vê se dorme, Lisa.

Ela se ajeitou na cama, puxando as cobertas rosa-princesa ao seu redor para espantar o frio. Ultimamente, ela sempre sentia frio. E fome. Embora ela até gostasse da sensação de fome, detestava quando seu corpo estremecia. Sempre que forçava seu corpo a parar de tremer, seus dentes batiam. E quando ela forçava os dentes a pararem de bater, seu corpo tremia. Era uma conspiração física.

Lisa agarrou os cobertores com força, começou a pensar nos cookies caseiros que faria para Tammy amanhã. Ao imaginar o cheiro de chocolate chips, ela se acalmou. Cozinhar era relaxante. E Tammy era louca pelas coisas que Lisa cozinhava. James também era, mas ele sempre se fazia de magoado quando ela não provava nenhum dos doces que fazia para ele.

Aconchegada como um bebê, Lisa ficou olhando para o objeto em sua mesa de cabeceira. Iluminadas ao fundo pela lua, as Balanças pareciam piscar para ela.

Tu és Fome.

Ela deixou escapar uma risada divertida. Fome. Qual é. Ela teria servido muito melhor como Guerra, isso sim.

Sorrindo, Lisa fechou os olhos.

# # #

O cavalo preto estava no jardim logo abaixo da janela de Lisa, invisível, esperando pacientemente que sua senhora montasse em seu dorso e a levasse a lugares que ela jamais havia imaginado – as casas noturnas enfumaçadas de Lagos, mergulhadas em riqueza e hedonismo; o mundo opulento de Monte Carlo, transbordante de indulgência; as ruas de Nova Orléans, cheias de cheiros estonteantes e comidas suculentas. Em particular, o cavalo tinha uma predileção especial pelos pralines doces de Nola.

Tudo muito bom, tudo muito bem, mas se continuasse assim, o cavalo iria morrer de tédio até que a nova Fome decidisse sair da cama e começar seu trabalho.

O cavalo preto ficou escarafunchando a grama, um gesto de auto-reprovação típico dos cavalos. Era um bom corcel; aguardaria para sempre, se necessário, até que sua senhora estivesse pronta para cavalgar.

A impaciência não era culpa do cavalo; os rododendros do jardim não conseguiam mascarar o odor forte de podridão, que fazia as narinas enormes do cavalo resfolegarem. A Morte havia chegado e partido, mas seu cheiro havia deixado sua marca na terra, no ar.

A morte era assustadora. O cavalo preferia muito mais o cheiro de açúcar. Ou de pralines.

O cavalo preto aguardava, e Lisabeth Lewis, a nova Fome, sonhava com campos de pó.